

LETRAMENTO: UM TEMA COM DEFINIÇÃO CONTROVERSA

LITERACY: A SUBJECT WITH CONTROVERSIAL DEFINITION

Josimar Gonçalves Ribeiro

Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais, campus Rio Pomba
josimar.ribeiro@ifsudestemg.edu.br

RESUMO

Objetiva-se expor o surgimento e as alterações de significado do letramento por meio de um mapeamento diacrônico das concepções históricas construídas ao longo dos anos. O recorte para o viés histórico, justifica-se pela complexidade de delimitar um sentido que reúna todo o fenômeno. A metodologia, com base na pesquisa bibliográfica, guia-se pelos livros, artigos acadêmicos, dicionários e documentos de agências internacionais. O arcabouço teórico fundamenta-se, principalmente, em Soares (2005), mas perpassa também por Kleiman (1995), Street (1984), Rojo (2009, 2013) entre outros. Conclui-se que a dificuldade para definir letramento, relativiza a medição dos níveis de domínio da habilidade de leitura e escrita.

Palavras-chave: Significado. Letramento. Pesquisa Bibliográfica.

ABSTRACT

The aim is to expose the emergence and changes in the meaning of literacy through a diachronic mapping of the historical conceptions built over the years. The historical approach is justified by the complexity of defining a meaning that encompasses the entire phenomenon. The methodology, based on bibliographical research, is guided by books, academic articles, dictionaries, and documents from international agencies. The theoretical framework is based mainly on Soares (2005), but also on Kleiman (1995), Street (1984), Rojo (2009, 2013), among others. We conclude that the difficulty to define literacy relativizes the measurement of the levels of mastery of reading and writing skills.

Keywords: Meaning. Literacy. Bibliography Research.

INTRODUÇÃO

A palavra diacronia segundo Saussure (2006, p.96) se define como: “[...] tudo quanto diz respeito às evoluções”. De acordo com o linguista, o estudo dentro deste aspecto, delimita-se na progressão dos acontecimentos que resultam na “[...] multiplicação espacial que cria a diversidade [...]” (idem, p.106). Para guiar as intenções desta investigação, utilizar-se-á a concepção diacrônica do pesquisador suíço a fim de nortear os passos que serão detalhados.

O recorte apresentado justifica-se pela amplitude e especificidades que o conceito de letramento demonstra. Soares (2005, p.82) menciona sobre esta dificuldade: “[...] definir letramento é uma tarefa altamente controversa; a formulação de uma definição que possa ser aceita sem restrições parece impossível.” Diante dessa complexa situação, o trabalho que se esmiúça, limita-se em documentar as alterações dos significados que aconteceram ao longo do tempo, ou seja, será feito um estudo histórico e diacrônico do conceito. O percurso antropológico e etnográfico com ênfase nos diversos usos do letramento não se pleiteará. O foco deste trabalho, ampara-se na busca de reunir as variadas origens e denominações em um mesmo texto tendo como base o trajeto feito por Soares (2005) na obra *Letramento: um tema em três gêneros*. Portanto, não será abordado o surgimento e desenvolvimento do fenômeno em outros países cuja menção não esteja vinculada ao livro.

A ação de letrar envolve multiplicidade de significados, contextos, sucessos e insucessos: de aplicação, avaliação, medição de resultados entre outros. Este fenômeno impacta grupos em diversos aspectos sociais, culturais, na prosperidade individual do ser humano, na interação social, cultural, laboral, sentimental e muitas outras perspectivas que abarcam a vida de um cidadão, bem como em circunstâncias econômicas que resultam em progresso de uma nação.

As pesquisas sobre o letramento contribuem para repensar as estratégias, investimentos, desenvolvimentos entre outros aspectos necessários para a formação digna do indivíduo, como também na construção consciente de uma conduta ativa na sociedade. Mesmo que haja variadas investigações sobre esse assunto, ainda há carência de outros estudos abordando avaliação, medição e “[...] políticas de alfabetização e letramento e de programas de desenvolvimento do letramento” (SOARES, 2005, p. 121).

Diante desse cenário, a pesquisa tem como objetivo expor o surgimento e as alterações de significado do letramento por meio de um mapeamento diacrônico das concepções históricas construídas ao longo dos anos. O rastreamento iniciará além mar até se ancorar em terras brasileiras. O plano é unir em um só texto os conceitos e definições desse termo. Talvez seja impossível abordar todas as acepções, contudo as mais relevantes é a intenção que move o registro dessa composição.

A busca das informações limitará em livros e artigos que narram sobre o assunto, pois eles são recursos legitimados pela sociedade. Em contrapartida, haverá um manancial excluído de dados que não será contemplado, devido à grandeza e distinções das referências, as definições apresentadas seguem o critério de maior influência no meio educacional.

A questão que norteia estas linhas descritas é: de que forma um mapeamento diacrônico auxilia na compreensão do significado da palavra letramento e nos seus desdobramentos através da evolução dos tempos? A partir deste questionamento, esquadrihar-se-ão as acepções e tipologia do verbete em questão. A tentativa é datar e reunir as conceituações mais relevantes ao longo dos anos desde o seu surgimento.

Assim, o presente texto está estruturado em dois segmentos: o primeiro, expõe a origem e os significados tanto no exterior, como no Brasil do termo letramento; o segundo, descreve as vertentes e os sentidos surgidos posteriormente. A conclusão apresenta algumas contribuições que este estudo pode possibilitar para futuras pesquisas na área, além de também, exibir um adendo contendo os últimos dados divulgados sobre o assunto pelo IBGE em 2019.

1. ORIGEM

A palavra letramento derivou-se do vocábulo *literacy* do inglês que conforme o Dicionário de Inglês Oxford¹ (2003, p. 1022), significa: “habilidade de ler e escrever; competência ou conhecimento em uma área específica.”². Este termo inglês é proveniente do vocábulo *literate*, oriundo de *illiteracy*, que tem como origem final do século XIX na Grã-Bretanha. De acordo com esta edição, *illiterate*, expressa a inabilidade de ler e escrever e procede de *illiteracy*, *illiterately*, *illiterateness*, léxicos resultantes do latim *illiteratus*, advindo de *not+litteratus* que datam do período entre 1150 a 1470. Um ponto relevante das informações mencionadas, é que algumas acepções inglesas se referem à noção brasileira de alfabetização e na edição do dicionário consultado, já aparece um sentido que se remete ao letramento conhecido atualmente no Brasil.

Em outros países como França, a palavra equivalente à *illiteracy* é *illettrisme* que se relaciona com *illettré* com o sentido de pouco domínio da leitura e escrita. Esta nação possui os verbetes *analphabétisme* e *analphabète* os quais correspondem, respectivamente, à noção do analfabetismo e analfabeto da língua portuguesa, ou seja, não saber ler e nem escrever.

Em Portugal, a denominação *literacia* se aproxima ao léxico inglês e segundo Benavente (1995, p. 23) se define como: “[...] a capacidade de processamento da informação escrita na vida cotidiana.” O termo alfabetismo consoante Magalhães (1994, p.435) significa possuir: “[...] as capacidades e formas da utilização da cultura escrita no quotidiano.” Esta acepção data-se do período do Antigo Regime³ e que nos últimos anos do século XVIII se constituiu ao redor de três habilidades básicas: ler, escrever, contar.

A seleção dos países demonstrados neste trabalho segue o recorte feito pela pesquisadora Soares (2005) em sua obra *Letramento: um tema em três gêneros*. Esse livro foi a luz para inúmeras pesquisas e será o guia para este estudo bibliográfico.

Outro ponto a ressaltar em relação à origem e significado da palavra letramento, é o estudo estatístico intitulado *World Illiteracy at mid-century* que se constitui em uma Monografia da Educação Fundamental publicada pela UNESCO em 1957. Este órgão internacional foi criado após a Segunda Guerra Mundial em novembro de 1945 com a finalidade de assegurar a paz e fomentar a colaboração internacional entre os países-membros. A instituição atua nos campos da Educação, Ciências Naturais, Ciências Humanas e Sociais, Cultura e Comunicação e Informação.

De acordo com o documento de 1957, já se mencionava o termo *iliteracy* em 1920. A questão destacada não reporta ainda ao significado, mas a utilização. Os dados demonstrados foram extraídos de relatórios divulgados pela Unesco, em Paris, em 1949; do estudo estatístico de Laubach (1938), em Nova York; da pesquisa sobre a porcentagem de iletrados do Instituto Internacional de Estatística, compilados entre 1925 a 1939 em Bruxelas; da investigação baseada no censo de Washington, em 1920, segundo Abel e Bond (1929); dos Livros Anuais de Demografia (Demographic Yearbook) das Nações Unidas reunidos nos períodos entre 1928 a 1954.

No que concerne ao significado, o capítulo II da Monografia relata a dificuldade de definir o conceito *illiteracy*. Ela explica que *literacy*⁴ é a característica individual adquirida em graus variados que elenca desde a escrita do nome até um nível superior indeterminado. Um ponto relevante no estudo, é que a Agência não acredita que haja somente duas categorias de identificação: *literate* e *iliterate*.

1 OXFORD, University Press. *Oxford Dictionary of English*. United Kingdom. Second Edition. 2003.

2 Tradução feita pela própria autora das seguintes sentenças oriundas do dicionário de inglês Oxford (2003,p.1022): *the ability to read and write. Competence or knowledge in specified área.*

3 Período histórico entre os séculos XVI ao XVIII.

4 Os vocábulos *literacy* e *illiteracy* não foram traduzidos devido à diferença de significados que sustentam em comparação aos utilizados no Brasil.

Outro fator do estudo estatístico, é a distinção feita das linguagens Escrita e Visual (baseada em símbolos)⁵, sendo a primeira, composta pela leitura e escrita. O domínio de ambas, identifica que o cidadão é *literate* (alfabetizado). O texto admite a flexibilidade do conceito desse verbete por considerar o grau de habilidade ser um processo individual. Todavia, menciona o nível mínimo, como habilidade de ler e escrever, compreendendo em ler o próprio nome, somar e escrever uma simples mensagem. Em 1951, a Unesco (1957, p. 20) recomenda seguir a seguinte definição:

Uma pessoa é considerada *literate* (alfabetizada⁶), quando consegue ler com compreensão e escrever uma declaração curta e simples sobre sua vida cotidiana. Uma pessoa é considerada *semi-literate* (semianalfabeta), quando consegue ler com compreensão, mas não escreve uma declaração curta e simples sobre sua vida cotidiana⁷.

Portanto, segundo o documento, as diversas classificações e conceitos estão a cargo das especificidades de cada país. O registro da Unesco (1957) não apresenta o termo *literate* com o sentido de apropriação da leitura e escrita a fim de exercer as práticas sociais, ou seja, não há a noção de letramento que se tem atualmente.

Após visitar os verbetes e significados estrangeiros do termo letramento, será discutido o surgimento da palavra no Brasil e suas evoluções na próxima seção. A intenção é seguir a trajetória desde o aparecimento do vocábulo, como também diferenciá-lo do léxico alfabetização que já faz parte da lexicografia brasileira.

1.1 SURGIMENTO NO BRASIL

O aparecimento do verbete em terras brasileiras parece estar relacionado com a obra de Mary Kato *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística* publicada em 1986. Nela, a autora ressalta a importância da escrita na evolução da criança no que concerne à aquisição de conhecimento e a vida social, conforme menciona no seguinte trecho:

A função da escola, na área da linguagem, é introduzir a criança no mundo da escrita, tornando-a um cidadão funcionalmente letrado, isto é, um sujeito capaz de fazer uso da linguagem escrita para sua necessidade individual de crescer cognitivamente e para atender às várias demandas de uma sociedade que prestigia esse tipo de linguagem como um dos instrumentos de comunicação. Acredito ainda que a chamada norma padrão, ou língua falada culta, é consequência do letramento, motivo por que, indiretamente, é função da escola desenvolver no aluno o domínio da linguagem falada institucionalmente aceita (KATO, 1986, p.7).

Assim, o significado para Kato (1986) de letramento está associado à capacidade de uso da linguagem escrita na forma culta, e que a escola tem um papel fundamental na aquisição dessa modalidade. A autora também afirma a importância de ser letrado, pois isso possibilita estar inserido e atuante na vida em sociedade.

Após Kato (1986), Leda Verdiani Tfouni diferencia o sentido de letramento e alfabetização em seu livro intitulado: *Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso* lançado em 1988. Para a autora, o letramento é decorrente de atividades sociais que englobem o domínio da escrita e da leitura, como também, os resultados das transformações provenientes da aquisição dessas competências. A investigadora em sua exposição, posiciona a alfabetização no âmbito individual e o letramento no social, como se verifica no excerto abaixo:

5 O foco deste trabalho é o primeiro tipo, logo, delimitar-se-á, apenas em dados que se referem a ele.

6 Em 1957, o termo *literate* estava associado ao sentido de saber ler e escrever, ou seja, à noção de alfabetizado.

7 Tradução realizada pela autora do trabalho do seguinte trecho Unesco (1957, p. 20): "1. A person is considered literate, who can both read with understanding and write a short simple statement on his everyday life. 2. A person is considered semi-literate, who can read with understanding, but not write a short simple statement on his everyday life".

A alfabetização refere-se à aquisição da escrita enquanto aprendizagem de habilidades para leitura, escrita e as chamadas práticas de linguagem. Isto é levado a efeito, em geral, através do processo de escolarização, e, portanto, da instrução formal. A alfabetização pertence, assim, ao âmbito individual.

O letramento, por sua vez, focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição da escrita. [...] investiga não somente quem é alfabetizado, mas também quem não é alfabetizado, e, neste sentido, desliga-se de verificar o individual e centraliza no social mais amplo (TFOUNI, 1988, p.9).

Em 1995, Ângela Kleiman organiza e publica um livro que reúne vários artigos que tratam sobre letramento, esta compilação foi intitulada *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Para a organizadora, mesmo o volume apresentando distinta metodologia, os textos possuem uma linha em comum Kleiman (1995, p.11): “[...] o letramento é aqui considerado um conjunto de práticas sociais, cujos modos específicos de funcionamento têm implicações importantes para as formas pelas quais os sujeitos envolvidos nessas práticas constroem relações de identidade e de poder.”

Uma das obras que marcam o percurso educacional sobre o assunto é *Letramento: um tema em três gêneros* de Magda Soares lançado em 1998. A abordagem proposta visa demonstrar o assunto sob três diferentes perspectivas: uma como verbete, em que se registra o surgimento da palavra no Brasil e no mundo, e sua diferença como acepção em relação à alfabetização; outra, como texto didático, seção em que discute o conceito de letramento e alfabetização por via semântica; e a última, como um ensaio, onde é relatado de que maneira se define, se avalia e se mede o letramento. O conceito para Soares (2005) está direcionado à prática social como ela relata:

letramento é o que as pessoas fazem com as habilidades de leitura e de escrita, em um contexto específico, e como essas habilidades se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais. Em outras palavras, letramento não é pura e simplesmente um conjunto de habilidades individuais; é o conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social (SOARES, 2005, p. 72).

Logo, Soares (2005, p. 47) distingue os termos alfabetização como: “ação de ensinar/aprender a ler e a escrever” e letramento como: “estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita.” A pesquisadora associa o fenômeno aos papéis sociais que cada indivíduo exerce.

Após a publicação do livro de Soares (2005), muitas pesquisas se sucederam, umas enfatizando as práticas de letramento, outras complementando os significados existentes. Todavia, para seguir o caminho das definições e os livros já citados, serão visitadas outras fontes que também abordam o assunto, como dicionários, sites de universidades e artigos acadêmicos.

1.1.2 A DENIFICAÇÃO EM OUTRAS FONTES

Além de obras, há a inserção do termo em dicionários usados pelos brasileiros. De acordo com Soares (2005), o Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa de Caldas Aulete foi editado primeiramente em Lisboa em 1881 e a primeira edição brasileira foi em 1958. Na edição de 1974, a palavra letramento aparecia como antiga e com o significado de “escrita”, conforme Soares (2005, p. 17): “o verbete remete ainda para o verbo “letrar” a que, como transitivo direto, atribui à acepção de “investigar, soletrando” e, como pronominal “letra-se”, a acepção de “adquirir letras ou conhecimentos literários.” A professora comenta não saber se o termo já estava inserido na primeira edição em Portugal.

Ademais do *Caldas Aulete*, o dicionário Houaiss da Língua Portuguesa publicado em 2001, já apresenta o termo letramento com três acepções. A primeira, refere-se à escrita como representação da linguagem “falada por meio de sinais”; a segunda, direciona ao contexto pedagógico, mais especificamente, à alfabetização como um processo; e a terceira com a seguinte redação: “**3.** (déc. 1980) PED. Conjunto de práticas que denotam a capacidade de uso de diferentes tipos de material escrito (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 1747). Nota-se que esta última, aborda o conceito dentro do campo pedagógico e menciona o período de aparição no Brasil.

Em 2007, o dicionário Aulete recebe uma versão digital e em 2008, é concretizado o web do Aulete, intitulado *Idicionário Aulete*. Na modalidade on-line, o léxico letramento é composto por três acepções e a última exhibe redação aproximada ao do Houaiss de 2001:

1.A condição que se tem, uma vez alfabetizado, de usar a leitura e a escrita como meios de adquirir conhecimentos, cultura etc., e estes como instrumentos de aperfeiçoamento individual e social.; 2. Pedag. Ver alfabetização; 3. Pedag. Conjunto de práticas que indicam a capacidade de uso de vários tipos de material escrito (AULETE ON-LINE).

A página do Aulete on-line ainda traz a referência a respeito da origem da palavra como também a distinção entre o significado de letramento e de alfabetização. O texto redigido menciona:

O termo letramento [...]. Na verdade, não se refere à condição técnica de saber ler e escrever (ao que corresponde o termo alfabetismo ou alfabetização), mas à condição, capacidade de disposição para, uma vez dominada a técnica de ler e escrever, usá-la para assimilar e transmitir informação, conhecimento e etc. Assim, o letramento é uma continuação possível e desejável da alfabetização, e é através dele que o potencial do alfabetismo pode se transformar em conhecimento e cultura (AULETE ON-LINE).

Infelizmente, o site não exhibe o período de introdução da palavra. Logo, dificulta saber quando o sentido se alterou ao se comparar com a explanação de Soares (2005), como também se o registro on-line se diferencia ao do impresso. Para se obter essas informações, há a necessidade de outras pesquisas em dicionários a fim de ter conhecimento sobre quando o termo apareceu pela primeira vez em um dicionário no Brasil e quais alterações sofreu ao longo do tempo.

Em acréscimo ao cenário dos dicionários, em 2014, o Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (CEALE) da Faculdade de Educação da Universidade de Minas Gerais criou um glossário a fim de ofertar glosas pertencentes às atividades relacionadas à alfabetização, leitura e escrita. Segundo o Glossário Ceale (2014), o termo letramento cuja autoria do registro é da professora Magda Soares, significa:

o desenvolvimento das habilidades que possibilitam ler e escrever de forma adequada e eficiente, nas diversas situações pessoais, sociais

e escolares em que precisamos ou queremos ler ou escrever diferentes gêneros e tipos de textos, em diferentes suportes, para diferentes objetivos, em interação com diferentes interlocutores, para diferentes funções (CEALE, 2014).

Outro documento de registro importante no Brasil é o Censo. O primeiro Recenseamento Geral foi realizado ainda no período do Império em 1872 com o intuito de verificar a quantidade e como viviam as pessoas naquele período. Em 1936, inicia o detalhamento brasileiro sobre o ensino e aprendizagem. Em 1940, as questões exibiam a preocupação em saber se o cidadão possuía a capacidade de

ler e escrever o próprio nome, ou seja, se era alfabetizado. Posteriormente, o que passa a ser analisado é o critério de ler e escrever um bilhete simples. Em 1996, surge a proposta de criar agrupamentos direcionados ao período de escolaridade. Nesse contexto, já se discutia o aparecimento do fenômeno Letramento. Então, o enquadramento seria:

o nível 1 de letramento: compreende todos aqueles que informaram ter um a três anos de estudo concluídos.

o nível 2 de letramento: compreende todos aqueles que tenham concluído pelo menos a 4ª série e que não tenham ido além da 7ª série do fundamental. [...] Este nível foi também denominado “alfabetização funcional,”

o nível 3 de letramento: compreenderia todos aqueles que estivessem oito anos de estudos concluídos, isto é, fundamental completo, mas médio incompleto (nove ou dez anos de estudo).

o nível 4, compreendendo todos os que tivessem concluído com sucesso o nível médio (11 anos de estudo ou mais) (FERRARO, 2002, p.42).

Porém, os anos de estudos foram reagrupados em formato diferenciado. Logo, houve outra reformulação fazendo com que os níveis 3 e 4 fossem reunidos em um só. Assim, o nível 3 corresponde a oito ou mais anos de estudo e o corte inferior acontece na 8ª série do Ensino Fundamental. Portanto, por este estágio determina o mínimo constitucional de acordo com a Constituição de 1988.

O Censo de 2000 exhibe os seguintes dados para a taxa de analfabetismo no Brasil segundo Ferraro (2002, p.34): “para a população de 05 anos ou mais, 16,7%; para a de 10 anos ou mais, 12,8%; e a de 15 anos ou mais, 13,6%.” Ao analisar somente a demonstração numérica, observa-se redução do analfabetismo entre 1996 e 2000, dentro dos critérios utilizados pelo Censo. Porém, com a ampliação das escolas, devido à democratização do país, a leitura simples de um bilhete, já não reflete uma atuação cidadã.

De 2010 a 2022, houve uma queda acentuada nos indicadores. A taxa que mais diminuiu corresponde à faixa etária de 15 anos ou mais de acordo com o painel do IBGE⁸ com 5,6%. O que se pode extrair desse número é que a ampliação do acesso à escola teve resultado, contudo a capacidade de leitura, compreensão e escrita precisa ser melhor analisada. Todavia, essa tarefa não é o foco deste estudo.

A parte que se encerra neste primeiro trecho teve como guia a descrição do termo letramento no Brasil. Os próximos conceitos a serem visitados são sobre as vertentes surgidas após a década de 80.

2. NOVOS SIGNIFICADOS E RECENTES VERTENTES

As variadas e progressivas mudanças em diferentes âmbitos da sociedade demandaram releituras e redirecionamento das pesquisas que abordam a leitura e escrita. Exemplos destes cenários são: o acesso da maioria da população à escola; a invenção e inclusão da tecnologia na vida laboral, educacional e pessoal dos indivíduos; o resultado das investigações sobre Literacy, alfabetização e letramento que oportunizaram distintas perspectivas e outras demandas de estudo que contemplassem as emergências sociais. A globalização impulsionou alterações significativas principalmente na educação e a partir disso segundo Rojo (2009, p. 105-106) algumas mudanças foram necessárias para a consideração dos conceitos sobre letramento:

8 Dados retirados da página PNAD contínua painel disponível em: <https://painel.ibge.gov.br/pnadc/>. Acesso em: 10 jul. 2023.

* a vertiginosa intensificação e diversificação da circulação da informação nos meios de comunicação analógicos e digitais, [...] implicando, [...] mudanças significativas nas maneiras de ler, de produzir e de fazer circular textos nas sociedades;

* a diminuição das distâncias espaciais – tanto em termos geográficos, por efeito dos transportes rápidos, como em termos culturais e informacionais, por efeito da mídia digital e analógica;

* a diminuição das distâncias temporais ou a contração de tempo, determinadas pela velocidade sem precedentes, a quase instantaneidade dos transportes, da informação, dos produtos culturais das mídias, características que também colaboram para mudanças nas práticas de letramento;

* a multisssemiose ou multiplicidade de modos de significar que as possibilidades multimidiáticas e hipermidiáticas do texto eletrônico trazem para o ato da leitura: já não basta mais a leitura do texto verbal escrito – é preciso relacioná-lo com um conjunto de signos de outras modalidades de linguagem (imagem estática, imagem em movimento, música, fala) [...]; esses textos multisssemióticos extrapolaram os limites dos ambientes digitais [...] (ROJO, 2009, p.105-106).

Diante destes fatores, o surgimento de novos pensadores e o redesenho conceitual do letramento para atender as emergências contemporâneas implicaram em outras abordagens sobre o assunto. Portanto, para dar conta dessas inovações aparecem novos estudos de letramento representados pelas siglas (NEL/NLS) com as denominações de *Múltiplos Letramentos* e *LetramentoS* (tendo o S indicador de plural). Posterior a esta perspectiva, surge o Grupo de Nova Londres com a proposta da *Pedagogia dos Multiletramentos*.

Dessa forma, esta seção será subdividida em dois segmentos a fim de distinguir e demonstrar com melhor visibilidade os teóricos e conceitos. Primeiramente, abordar-se-á as questões mais relevantes do período dos novos estudos do letramento (NEL/NLS), e depois as contribuições do Grupo de Nova Londres.

2.1 NOVOS ESTUDOS DO LETRAMENTO (NEL/NLS)

A proposta desta vertente se fundamenta na utilização particular da escrita que é proveniente de regras sociais orientadas por parâmetros culturais de atuação no mundo. A partir desta observação, a análise se torna diferenciada, visto que é oriunda de diversas atividades resultantes de variadas funções sociais do indivíduo.

Os novos contornos das pesquisas a respeito do letramento são inicialmente redirecionados após os estudos de Scribner e Cole (1981) que inseriram a noção de prática social na concepção do fenômeno. De acordo com a descrição feita por Kleiman (1995, p. 18-19) sobre isso, os teóricos entendem: “[...] o letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, como sistema simbólico e como tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos.”

Outra perspectiva relevante que representa os Novos Estudos do Letramento, é a de Street (1984). Para ele, há dois modelos de enfoque os *letramentos autônomo e ideológico*. O primeiro de acordo com as palavras de Kleiman (1995), uma das primeiras pesquisadoras a comentar o estudo de Street (1984):

refere-se ao fato de que a escrita seria, nesse modelo, um produto completo em si mesmo, que não estaria preso ao contexto de sua produção para ser interpretado. Essa concepção pressupõe que há apenas uma maneira de o letramento ser desenvolvido, sendo que esta forma está associada quase que casualmente com o progresso, a civilização, a mobilidade social (KLEIMAN, 1995, p. 21).

O *modelo ideológico* detalhado por Kleiman (1995, p. 21): “[...] afirma que as práticas de letramento, no plural, são social e culturalmente determinadas, e como tal, os significados específicos que a escrita assume para um grupo social dependem dos contextos e instituições em que ela foi adquirida.” Essa noção alia-se diretamente às situações sociais das quais o indivíduo está inserido.

No Brasil, Soares (2005) sugere a divisão: *versão fraca* e uma *versão forte* ao sentido do letramento. A professora ancorada nos trabalhos de Street (1984) define a característica *fraca* como semelhança com o modelo autônomo, ou seja, aquela que possui uma visão liberal, na qual a utilização da escrita e leitura estão diretamente relacionadas com as demandas sociais; já a *forte* (parecida com o ideológico), apresenta uma visão revolucionária, em que a ênfase está na potencialização das identidades para que se tornem fortes.

Portanto, esta vertente acredita na pluralidade e diversidade das atividades sociais que compreendem em leitura, escrita e uso das linguagens (verbal, visual, gestual, tecnológica entre outras). Ela entende o sentido de *múltiplos letramentos* devido à heterogeneidade das práticas sociais que se alteram tanto no espaço como no tempo, cujas interações estão imbuídas de poder. Este panorama exige dos indivíduos variadas habilidades para manusear as diferentes representações com as quais eles têm contato.

Outro aspecto neste âmbito, é sugerido por Hamilton (2002) que apresenta a noção de *Letramentos* por ser composto da ideia de plural. Para ela, há *letramentos dominantes*, aqueles relacionados com agências institucionais como escola, trabalho entre outros. Neles os componentes são legitimados e valorizados; e *letramentos locais (vernaculares ou autogerados)*, que são oriundos da informalidade, da vida comum, de cultura local. Eles são marginalizados perante às instituições oficiais.

Além desses significados expostos, de acordo com Rojo (2009), torna-se necessário ampliar os sentidos do fenômeno, porque o letramento escolar, baseado nas exigências da prática de leitura e escrita escolar, não contempla a multiplicidade de atividades e textos emergentes do momento contemporâneo. Assim, esses novos tempos exigem: *letramentos multissemióticos* que consoante Rojo (2009, p.119) compreendem em: “leitura e produção de textos em diversas linguagens e semioses [...], já que essas múltiplas linguagens e as capacidades de leitura e produção por elas exigidas são constitutivas dos textos contemporâneos.”; *letramentos multiculturais* em Rojo (2009, p. 120) que tratam de: “[...] produtos culturais letrados tanto da cultura escolar e da dominante, como das diferentes culturas locais e populares com as quais alunos e professores estão envolvidos, assim como abordar criticamente os produtos da cultura de massa.”; *letramentos críticos* (ROJO, 2009, p.120) que abordam: “[...] textos e produtos das diversas mídias e culturas, sempre de maneira crítica e capaz de desvelar suas finalidades, intenções e ideologias.”

Um destaque dentro do período do Novo Estudo do Letramento é o aparecimento do *letramento digital*. Esta segmentação terá um papel essencial para o redesenho de outros conceitos e criação de diferentes tendências na área. Devido à relevância e multiplicação que esse ramo promoverá, esta seção receberá uma subdivisão para possibilitar o aprofundamento no assunto.

2.1.1 LETRAMENTO DIGITAL

O avanço da tecnologia exigiu que os usuários adquirissem habilidades específicas para lidar com os aparatos e linguagens emergidas do meio tecnológico. Esta evolução solicitou capacitação para saber utilizar a nova cultura denominada por Levy (1999, 17) de *cibercultura* que consiste em um: “conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o ‘ciberespaço’ ou rede”.

Diante desse cenário, surgem pesquisadores a fim de entender a maneira como o indivíduo se capacita para usufruir dos recursos que os computadores, internet e seus prolongamentos oferecem. Assim, Lanham (1995) define o **letramento digital** como habilidade de entender, decifrar e lidar com a natureza multimídia da informação digital. Posteriormente, Lankshear & Knobel (2006, p. 13) amplia o significado do fenômeno e o delimita como “[...] uma variedade de práticas sociais e concepções de envolvimento na elaboração de significados mediados pelos textos produzidos, recebidos, distribuídos, modificados etc, via codificação digital.”⁹

Esta modalidade do evento é responsável por diversas ramificações de estudo e conceitos. Isto se deve às inúmeras alterações sofridas em decorrência do avanço tecnológico que não cessa. Portanto, as informações a seguir são as atualizações realizadas dentro do conceito de **multiletramentos**, mas como são evoluções do **letramento digital** iniciado no período das pesquisas do Novo Estudo do Letramento, para não fragmentar o bloco, as concepções sobre o assunto foram deixadas nesta seção.

Inserido no contexto da **Pedagogia dos Multiletramentos**, o **letramento digital** recebe contribuições valiosas para este novo formato de letramento pautado em multiplicidade de linguagens, pluralidade e diversidade cultural. O domínio das tecnologias exige habilidades de comunicação, construção, colaboração imensuráveis das esferas privadas e públicas.

Um dos fatores que ocasionou a alteração dessa noção, foi o surgimento da Web 2.0¹⁰ que provocou mudanças nas atitudes dos usuários tecnológicos. Por isso, de acordo com Dudeney, Hockly, Pegrum (2016, p. 17), o conceito deste verbete passou a ser constituído por: “[...] habilidades individuais e sociais necessárias para interpretar, administrar, compartilhar e criar sentido eficazmente no âmbito crescente dos canais de comunicação digital.”

Diante desses acontecimentos, continuam aparecendo inúmeras definições e significados de letramentos. Um deles que se torna relevante ressaltar é a do **macroletramentos** que se define como letramentos construídos por diversos elementos de outros letramentos. Como essas propostas de investigações são novas, ainda surgirão muitas nomeações e sentidos. Logo, as que foram exibidas são apenas o recomeço de muitas considerações que estão por vir.

Os significados detalhados nesta repartição são amostras do amplo arcabouço teórico da vertente em questão. A seleção ocorreu pelo critério de alusão encontrados em livros de pesquisadoras renomadas no Brasil e artigos acadêmicos. Após o detalhamento dessa tendência, a próxima subdivisão relatará os recentes conceitos de letramento definidos como **Multiletramentos** ou **Pedagogia dos Multiletramentos**.

2.2 GRUPO DE NOVA LONDRES

O impacto das novas tecnologias que redesenharam os comportamentos dos indivíduos resultaram na necessidade de alteração da noção do fenômeno. A contemporaneidade exigiu revisão no sentido do **letramento multimodal** devido à diversidade de linguagens, mídia e variadas tecnologias surgidas nesse período.

Ciente desse panorama, o Grupo de Nova Londres (GNL) em 1994, propõe uma **Pedagogia dos Multiletramentos** que consiste em, conforme comenta Rojo (2013, p.14):

9 Citação traduzida pela autora do trabalho.

10 Geração de ferramentas ligadas à comunicação, compartilhamento e colaboração. Nela, os usuários são produtores e receptores de informação, ou seja, surge a cultura partilhada.

apontar, já de saída, por meio do prefixo “multi” para dois tipos de “múltiplos” que as práticas de letramento contemporâneo envolvem: por um lado, a *multiplicidade de linguagens*, semioses e mídias envolvidas na criação de significação para os textos multimodais contemporâneos e, por outro lado, a *pluralidade* e a *diversidade cultural* trazidas pelos autores/leitores contemporâneos a essa criação de significação (ROJO, 2013, p. 14).

A proposta do GNL é que se forme *designers* de significados aptos para a produção, compreensão e reconstrução dos sentidos das diversas linguagens existentes atualmente. Para esse feito, é necessário analisar três dimensões: a *diversidade produtiva* que se relaciona ao mundo laboral, o *pluralismo cívico*, ou seja, os direitos e deveres do cidadão e as *identidades multifacetadas* correlacionada à esfera privada.

Dentre os teóricos que mais se destacaram estão: Cope e Kalantzis (1996) que juntamente com os outros membros publicaram o livro: *Multiletramentos: pedagogia do letramento e o desenho de futuros sociais*; e Kress (1996) com trabalhos sobre a semiótica social. Posteriormente, em conjunto com Van Leween (1996, 2001), o grupo expõe uma abordagem multimodal fundamentada no modo de significação que compreende em cinco categorias de design: linguístico, visual, espacial, gestual, sonoro. Essa teoria passa a redesenhar e impulsionar os novos conceitos de letramentos.

Neste segmento foram mencionadas algumas vias que dialogam com o conceito da *Pedagogia dos Multiletramentos*. Logo, como é proposta por um grupo, sentiu-se a necessidade de ilustrar pelo menos uns nomes importantes que compunham o quadro de pesquisadores.

3. A INTEGRAÇÃO ENTRE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO – ALFALETRAR

A obra *Alfalettrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever* publicado em 2020 pela pesquisadora Magda Soares, apresenta a definição de letramento com base em outra perspectiva. O processo de aquisição da língua envolvendo dois processos: alfabetização e letramento.

No livro *Alfalettrar*, o conceito de letramento é definido como “capacidades de uso da escrita para inserir-se nas práticas sociais e pessoais que envolvem a língua escrita (SOARES, 2020, p. 27). Para a autora, esse processo abrange variadas habilidades em torno da leitura, da escrita com a finalidade de alcançar vários propósitos como capacidade de apreensão de informações, interpretação, captação de conhecimentos, interação em sociedade entre outros.

Contudo, há a associação entre o letramento e a alfabetização. Este último é delimitado pela professora como o “processo de apropriação da tecnologia da escrita” (SOARES, 2020, p. 27). Esse procedimento envolve o “domínio do sistema de representação” (SOARES, 2020, p. 27). Esse processo abarca desde o manuseio do lápis até o ato de ler e escrever.

A nova proposta da autora com a aliança entre alfabetizar e letrar (alfalettrar) apresenta os conceitos como:

Alfabetização e letramento são processos cognitivos e linguísticos distintos, portanto, a aprendizagem e o ensino de um e de outro é de natureza essencialmente diferente; entretanto, as ciências em que se baseiam esses processos e a pedagogia por elas sugeridas evidenciam que são processos simultâneos e interdependentes. A alfabetização – a aquisição da tecnologia da escrita – não precede e nem é pré-requisito para o letramento, ao contrário, a criança aprende a ler e escrever envolvendo-se em atividades de letramento, isto é, de leitura e produção de textos reais, de práticas sociais de leitura e de escrita (SOARES, 2020, p.27).

Então, a pesquisadora propõe a integração entre os dois processos que acontecem por meio de camadas. A alfabetização tem por incumbência de promover a aprendizagem do sistema de escrita alfabética, isso na primeira camada; a segunda, é responsável pelo uso da escrita (ler e escrever/letramento); e a última, também dentro do arcabouço do uso da escrita (letramento), envolve a associação com os contextos culturais e sociais.

Em suma, a contribuição de Soares (2020) para a definição do termo letramento recebe uma ampliação, ou seja, uma reformulação com base em dois processos diferentes, mas relacionados entre si. Logo, o novo termo **Alfaletrar** significa dominar o sistema alfabético e usá-lo habilmente nas exigências provenientes da sociedade.

CONCLUSÃO

O conceito letramento foi criado para evidenciar o problema com as práticas de leitura e escrita. Este embaraço exige observação, análise e ações que descrevam e atuem para resolver ou reduzir o cenário encontrado.

O presente trabalho teve como objetivo expor o surgimento e as alterações de significado do letramento por meio de um mapeamento diacrônico das concepções históricas construídas ao longo dos anos. Esta exposição possibilitou uma melhor compreensão do surgimento do termo e seus respectivos sentidos e alterações emergidas ao longo dos anos.

Para rastrear os acontecimentos, utilizou-se como guia a seguinte questão: de que forma um mapeamento diacrônico auxilia na compreensão do significado da palavra letramento e nos seus desdobramentos através da evolução dos tempos? O mapeamento funcionou como um roteiro para se ter ciência da multiplicidade de letramentos, como também dos fatores que impulsionaram o desdobramento do evento. Além de servir como um pilar para futuros trabalhos.

O resultado demonstrou as causas e consequências imbricadas nas acepções. Ele oportunizou conhecer sentidos, tendências, correntes de pesquisadores que se debruçaram para interpretar e aplicar práticas a fim de ofertar ferramentas que retirassem o indivíduo da turva visão sob a leitura e escrita, ou seja do domínio precário.

A historização diacrônica evidenciou o aparecimento dos sentidos do verbete letramento, as denominações surgidas ao longo dos anos, as análises realizadas e as práticas aplicadas. Contudo, ainda há necessidade: de investigações que possam analisar os documentos de agências institucionais como a Unesco para saber a posição e/ou evolução do Brasil no que concerne ao letramento da população; Saber quando houve a alteração no sentido do verbete letramento nos dicionários de Oxford, Aulete do Brasil e de Portugal; Verificar se os métodos avaliativos de letramento indicados pela Unesco são os mesmos aplicados no Brasil; Examinar a existência de modificações de avaliação e mediação desde que surgiu o conceito de letramento; Como muitas outras pesquisas sobre o assunto demanda para esclarecer situações que ainda precisam de intervenção de professores, escolas e órgãos governamentais.

A consulta ao painel do PNAD no dia 07 de julho de 2023, para se ter informação atualizada sobre o assunto, demonstra que houve aumento do acesso à escola, mas a taxa de escolarização de 0 a 3 anos é baixa, 36%; e que de 15 a 17 anos, 92,2% precisa ser examinada, uma vez que a pandemia da Covid-19, atingiu de maneira mais grave nessa faixa, período de maior exposição a conteúdos complexos. Outro aspecto que será necessário observar nessa última fase, é a situação de evasão, pois com o fechamento das escolas e outros setores da economia, muitos adultos perderam o emprego e jovens entraram no mercado de trabalho mais cedo.

Em relação à maneira como os dados são obtidos pelo IBGE, um questionário em que o próprio entrevistado se autoavalia a saber ler e escrever, não esclarece o nível de alfabetização e não mostra o grau de letramento. Logo, essas informações exigem outras formas de verificação a fim de transparecer a real condição de leitura e escrita dos brasileiros.

Portanto, conclui-se que a dificuldade para definir letramento, relativiza a medição dos níveis de domínio da habilidade de leitura e escrita. Soares (2005, p. 114-115) afirma que: “uma definição comum e universal não é possível, mas uma definição deliberadamente operacional, [...] tanto é possível quanto é extremamente necessária para atender aos requisitos práticos de procedimentos de avaliação e mediação.” Isso porque, a partir do conhecimento do significado, possibilitará saber da realidade e condições do povo que compõe nosso país e de quais políticas públicas precisam ser implantadas.

REFERÊNCIAS

AULETE, Francisco Caldas. *Dicionário Aulete*. Digital. Disponível em: [https:// http://www.aulete.com.br/](https://http://www.aulete.com.br/). Acesso em: 30 de jun. 2019.

BENAVENTE, Ana *et al* (orgs). *Estudo nacional de literacia*. Relatório preliminar. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais. 1995.

BRASIL. *Ibge* Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/24857-pnad-continua-2018-educacao-avanca-no-pais-mas-desigualdades-raciais-e-por-regiao-persistem>. Acesso em: 30 jun. 2019.

DUDENEY, Gavin.; HOCKLY, Nicky.; PEGRUM, Mark. *Letramentos digitais*. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

FERRARO, Alceu Ravanello. Analfabetismo e níveis de Letramento no Brasil: o que dizem os censos? In: *Educação e Sociedade*, Campinas, v.23, n.81, p. 21-47, dez. 2002.

FRADE, Isabel, C. A da S.; VAL, Maria da, G. C.; BREGUNCI, Maria da, G. de C.

(orgs). *Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores* / Isabel Cristina Alves da Silva Frade, Maria da Graça Costa Val, Maria das Graças de Castro Bregunci (orgs). Belo Horizonte: UFMG/ Faculdade de Educação, 2014.

HOUAISS, Antônio.;VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Instituto Antônio Houaiss. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KATO, Mary. *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*. São Paulo: Ática, 1986.

KLEIMAN, Ângela B (Org). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

LANKSHEAR, C.; KNOBEL, M. Digital Literacy and Digital Literacies: Policy, Pedagogy and Research Considerations for Education. *Digital Kompetanse*, vol. 1, p.12-24. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/284918725_Digital_Literacy_and_Digital_Literacies_Policy_Pedagogy_and_Research_Considerations_for_Education. Acesso em: 25 de jun. 2019.

LEVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999

MAGALHÃES, J.P. de. *Ler e escrever no mundo rural do Antigo Regime: um contributo para a história da alfabetização e da escolarização em Portugal*. Universidade do Minho, Instituto de Educação, 1994.

ROJO, Roxane (Org). *Escol@ conectada: os multiletramentos e as Tics*. São Paulo: Parábola, 2013.

- _____. *Letramentos múltiplos, escola social e inclusão social*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009
- SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.
- SOARES, Magda. *Alfabetar: toda criança pode aprender a ler e a escrever*. São Paulo: Contexto, 2020.
- _____. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- TFOUNI, Leda V. *Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso*. São Paulo: Pontes, 1988.
- UNESCO. *World Illiteracy at Mid-Century: a Statistical Study*. Monographs on Fundamental Education XI. Paris: Unesco, 1957.

Recebido em: 10/07/2023

Aceito em: 28/08/2023